

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

5 de Outubro de 1910

— «A República é a Justiça» —

Jaurés.

— Viva a República! —

A multidão, que sentia o peso do despotismo, que fora agredida desalmadamente na sua honra, assim gritou e traduziu a indignação pelo regimen que a espezinhara e vilipendiara, num arranco sobêrbo de heroísmo e de sacrificio, tão belo como spartânico.

Consciente da sua força, o ideal a escaldar-lhe o peito e com a nítida noção do dever a cumprir, qual Lázaro se ergueu e levantou para dizer ao Mundo que Portugal ressuscitara, que se tornara nação livre, detestando as plutocracias que procuravam lançá-lo numa ignominiosa morte de suicida.

Como uma alvorada radiosa, a Liberdade conseguiu alicerçar-se na vontade nacional e a Justiça que se impunha sem delongas, não foi condicionada por méras promessas ou desejos, mas sim tornou-se uma disposição de lei que ainda hoje é remédio e que é a base da nossa engrenagem social.

De facto, o sangue derramado pelo Povo humilde e ignorado, pela população trabalhadora e de pé descalço, se à primeira vista nos parece uma imolação —

sepultura viva de homens senhores das suas opiniões, — esse sangue foi a seiva bendita e germinadora do Progresso, do Belo e do Útil, atinente a dar mais força a quem vivia em quebranto, desfalecido de todo, na borda de um abismo que mãos extranhas haviam cavado ardilosamente.

A Luz clariou o país de norte a sul, dardejando rajadas que são outras tantas afirmações de vontade, aureolando essa massa anónima que nos redimiu e espelhando-a no espaço e no tempo como verdadeira imagem dum Santo.

— Somos livres! Somos livres!

O génio voltou-se para as sciências moral e política; não mais houve usurpação dos direitos racionais; a autoridade afirmou o seu poderio; o escândalo sentiu-se gasto; a educação iniciou-se para a tendência natural; o jesuitismo retrógrado e monárquico, tornou-se proscrito; o Povo recobrou o lugar a que de há muito tinha direito; e a Nação despertou, rejuvenescida.

Oh! Abençoada Hora! Suprema Felicidade!

— Viva a República! —

L. Coelho.

## O 5 DE OUTUBRO

Faz hoje desanove anos que o povo, do norte ao sul do país, saudou o advento da República, como uma alvorada de redenção. Do Governo Provisório, um dos seus primeiros actos, foi libertar a nacionalidade portuguesa da seita tenebrosa que nos infesta há já alguns séculos. Julgou que, pondo em execução a famosa lei do que foi um grande estadista, Marquez de Pombal, o bicho imperceptível e roedor, que pelos meios os mais dissimulados possíveis e imaginários, consegue meter-se no seio das famílias, tomar a seu cargo a educação dos seus filhos (usando processos grosseiros e hipócritos), tornar-se seu ligiti-

mo herdeiro ou mesmo conseguindo que em vida lhe sejam duado bens, julgou que ele desaparecia para todo o sempre donosso querido Portugal.

Mas puro engano! esse bicho manhoso e peçonhento continúa a infestar o nosso país e procura, a todo o momento, por meio de uma democracia a que ele chama cristã, dividir a família republicana, enfraquecendo-a por forma a que a aspiração máxima do povo de uma democracia pura, vá desaparecendo a pouco e pouco até ser extinta de todo.

Mas o progresso é a única lei deste mundo que possui fóros de dogma, e a eterna aspiração da liberdade é o seu invencível estímulo.

A República, que dêse progresso e dessa liberdade faz a fórmula mais perfeita do ciclo de civilização que atavessamos, há-de conseguir libertar-se dessa horda bronca e miserável, e adquirir aquele grau de perfeição que é a aspiração geral dos povos.

A volta ao passado já não é possível numa época em que a cultura mental adquiriu posições, que já em sua consciência, mesmo que seja católica-praticante, não admitiu a infalibilidade do Papa. Mas já dizia Dumas, filho, «as ideias são como os pregos, quanto mais se lhes bate mais se enterram»; e por isso, deixemos estes pobres de espírito fazer a propaganda da República a seu modo, pois apesar de todos estes incidentes, que não passam de minutos na vida da humanidade, a integridade do regimen, no qual o povo encontrou o símbolo mais flagrante e radioso da liberdade, estará assgurada pelo Exército da Nação.

Albano Cruz.

## A PROPÓSITO...

### A inauguração duma Escola nocturna

De todos os números festivos do programa comemorativo do XIX aniversário da proclamação da República, aquêle que maior beleza encerra e que testemunhará a luta republicana contra o analfabetismo, é o que funda uma Escola nocturna, na sede do Centro Republicano de Guimarães.

**Torna-se um benemérito todo aquêle que ensine um analfabeto a lêr, a escrevêr e a contar.**

A Ex.<sup>ma</sup> Direcção do Centro Republicano de Guimarães apresento, por tal, as minhas efusivas saudações.

5-10-929.

J. F. M.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A República, para o ser de facto, precisa libertar-se antes do resto, das influencias da alta finança.

Eduardo Salgueiro.

No XIX Aniversário da Proclamação da República Portuguesa

## Festas comemorativas em Guimarães

### PROGRAMA

Dia 4

A's 24 horas, uma salva de 21 tiros anunciará o começo das festas comemorativas do XIX.º Aniversário da Proclamação da República, percorrendo as ruas da cidade uma banda de música que executará o Hino Nacional, repenidamente festivamente os sinos das igrejas da Oliveira e S. Pedro.

Dia 5

ALVORADA—Uma salva de 21 tiros, percorrendo as ruas da cidade uma banda de música executando o Hino Nacional.

A'S 10 HORAS—Bodo aos pobres na sede do Centro Republicano de Guimarães.

A'S 15 HORAS—Inauguração duma escola, no Centro Republicano de Guimarães.

A'S 21 HORAS—Sessão solene, no Teatro D. Afonso Henriques, onde discursarão vários oradores.

Finda a sessão solene

Concerto no Jardim Público pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

### Iluminações

A fachada principal do Toural, repartições públicas e Jardim Público, achar-se-há iluminados a lâmpadas eléctricas.

As festas terminarão pela queima dum lindo bouquet de fogo de artifício.

## ÊLES...

O jesuitismo sempre que o terreno lhe é propício ou situações mais ou menos dúbias lhe são favoráveis, ei-lo que surge arrogante em busca de victimas sobre que possa saciar a sua sede de sangue.

Se por algum tempo essa seita negra e nefasta nos dá a impressão de não existir, não é senão ter-se escondido na mais baixa cobardia, na mais hipócrita das humilhações, para na primeira oportunidade nos aparecer novamente, mais rancorosa ainda.

O tempo em que não pôde estender os seus tentáculos venenosos, aproveitá-o em arquitetar novos processos de ataque, a novas formas de conquista.

Manhoso e cobarde, amoda-se a tudo.

Não lhe passa em descuido ainda as coisas mais insignificantes onde veja estar uma arma que hoje, amanhã ou depois, lhe possa servir para melhor realizar os seus sinistros fins.

Rancoroso por indole, o ódio e a vingança são os seus sentimentos.

Parece que estes últimos tempos lhe tem sido de boa feição para os seus manejos, tal é a fúria e descargo

dos seus ataques, dando-se ares de viver em terreno conquistado.

Felizmente os liberais, aquêles que constantemente pugnam pelo bem da Humanidade, ainda não desapareceram.

Não, hipócritas, não! Jámais conseguis esse vosso tão almejado fim, por mais victimas que façais ou venhais a fazer.

Não, mil vezes não.

Se é certo que os liberais tolerantes, por princípios, têm algumas vezes consentido que livremente vegetam esses reptiz peçonhentos, também é certo que, ao soltarem o grito de guerra, sempre e em todos os tempos os mesmos liberais vieram a liça, reduzindo-os á impotência.

Não será pois, agóra, que a História se desmentirá.

Somos suficientemente fortes para aguentarmos a afronta do seu predomínio e jámais a reacção nos fará calar. Onde quer que ela se manifeste, a nossa voz de protesto se ha-de ouvir.

Não receamos o ataque nem nos intimida a luta.

Hoje, como hontem, amanhã como sempre, a nossa divisa será:

Justiça! Direito! Liberdade!

Eurico

LIBERDADE

REMEMBER...

COISAS E LOISAS

«A Liberdade é a religião das Nações».

Antero.

5 de Outubro de 1910

(EXCERPTOS)

A revolta de 1910 fez-se para proclamar a República e dar-nos a Liberdade.

É sob este aspecto, debaixo da impulsão desta brase, que nós a devemos considerar.

Foi a conquista das mais anciada reivindicação, o fortalecimento dum direito que nos assistia e, sobretudo, a reacção violenta contra a Treva que procurava cingir-nos, envolver de todos os espíritos ciosos de Luz.

Os escandalos Hinton, os adeantamentos, os contractos ruinosos, etc., etc., nada marcam ou valem muito pouco para o alto significado da revolução de 1910—simplesmente excitaram a opinião pública, visivelmente disposta a impôr-se.

O que triunfou como legítimo e preciso, foi a vontade polareteimosa em conservar a sua sobrania, disposta como se encontrou a sair da galé para onde havia sido atirada e desejosa de difenir a transformação social que reputava a melhor.

Respiram um ar puro, lavado; viu que lhe era fácil quebrar a grilheira que a tornava galariana; rompeu a escuridão que a cegava; avaliou da sua própria força; e, numa torrente caudalosa de heroísmo, proclamou bem alto o desejo de viver assim, livre de peias, sem que tropeçasse em quaisquer suntuhos, tornando possível um viver de felicidade, um viver que livremente lhe regulasse o seu querer.

Acabára com a escravidão a que a tinham sujeitado, irmanára-se com as suas irmãs, e harmonisára a ideia que a dotou dum carácter firme, dum génio tenaz e profundo.

C.

A riqueza das ordens monásticas é regalo de corpos e fermento de vícios.

C. Castelo Branco.

Comemorando o "5 de Outubro"

PELA PENHA

Promovidas pelos snrs. Francisco Gonçalves da Cunha e José Lima e com o producto duma subscrição entre os seus amigos, na aprazível montanha da Penha realisam-se festas comemorativas do aniversário da proclamação da República Portuguesa, com o seguinte programma.

DIA 4

A's 24 horas—Uma salva de morteiros.

DIA 5

A's 8 horas—Hasteamento da Bandeira Nacional, repiques e uma salva de morteiros.

A's 12 horas—Repiques e uma salva de morteiros.

A's 17 horas—Esmolas de Esc. 5\$00 a 10 pobres das cercanias da Penha.

A's 19 horas—Arreamento da Bandeira Nacional, repiques e uma salva de morteiros.

A's 22 e 12 horas—Iluminações e uma sessão de fogo de artifício.

Jâmais negara o monstro a sua dinastia!

Sei físico de cêbo, e ódio, e cobardia,

Ateava a fogueira em viva intensidade

Nas nêgras espirais da vil sensualidade:

—Em ter sempre a gamela ao pé da sua traição

E as filhas da canalha ao jugo corrupção!...

Depois, na orgia louca, e vil, e esbanjadora,

Dama viagem d'oiro, e rica, e estonteadora,

Que o povo esfarrapado em vagalhões de fome,

Na 'uta colossal que ex'ingue, que consome,

Do trabalho—o trabalho!—o oceano imenso!

Pagava, quanta vez! no sofrimento intenso

Dessa miséria horrenda, o monstro ria, ria,

Embrenhava-se mais na lutulenta orgia,

Champanhe, sensações, mas sensações aos molhos,

Que lá pagava o povo—a Pátria de piolhos!...

Era o mar do rancôr, o mar do despotismo,

Num rápido avançar de ódio e banditismo,

Suas vagas ao ar impavidas, gigantes,

Raiosas, colossais, soberbas, tropejantes!...

E que fazer um rei creança, adolescente,

Guiado pela mãe, essa infernal serpente,

A tresandar a incenso, untada em agua-benta,

Essa alma de sotaina, hipócrita e nojenta,

Enlaçada a Loiola, a Desa, a Torquemada?!...

Sim, que fazer o rei?!... Só isto: alma ajoelhada

Aos pés de Santo Inácio, e a Patria ao abandono,

Que a Pátria essa causava horrôr, e tédio, e sono!...

O resto... O que era o resto?!... A rota multidão

De boca escancarada a ulular por pão?!...

Fogo nessa canalha!... A's armas, meus soldados!...

Pode-se lá escutar a voz dos 'sfarrapados?!...

Uma ópa, e uma estóla, e um pálio, e um missal:

—D. Mauuel II—ex-rei de Portugal!...

E a treva esfarrapou-se á voz da derrocada!...

A alma da canalha audaz, convulsionada

Pela suprema-dôr, já farta de sofrer,

Qual ferido leão, na ânsia de viver,

Saiu alfim à rua, em ondas de revolta,

Um muro em cada peito, a mais heroica escolta,

Derrubando de vez—vitória colossal!—

O trono incestuoso e o debochado altar!...

O' canalha sem pão, curvado me descubro

Perante esse teu feito austêro de nobresa!

O dia Cinco és tu dêsse formoso Outubro,

Tu és a alma, o som da rubra Portuguesa!...

Outubro de 1911.

DELFIN DE VIMARANES.

A fábula de Cristo é de tal modo lucrativa, que seria uma loucura advertir os ignorantes do seu erro.

Papa Leão X.

A' maneira que o catolicismo aumenta em uma nação, a liberdade diminui.

Edgar Quinet.

Um acto de fé é antípoda de um acto de inteligência. Para ter fé não é preciso pensar. O que é preciso é não pensar.

C. Castelo Branco.

O Jesuítismo, na Monarquia, foi assassino; na República, é ladrão.

Já lá vão passados anos depois da hora redentora em que ás bochechas do patriota se atirou o brado salvador dá guerra aos políticos; e os anos foram-se, e correram os dias e os meses, alguns estios sucederam a alguns invernos, sem que até hoje a genre visse apontado um nome do político que merecesse o anathema nacional. Acusam-se os políticos em geral e os maus políticos em particular, mas sob a forma anónima e vil, tão usada pelo caluniador de profissão.

A imprensa monárquica enche colunas com invertivas aos políticos, mas, cautelosa, não dá um nome á anciedade popular, não põe o dedo vingador na chaga a combater. Porque os maus políticos não existem? Não. Existem, como é sabido de todos. Simplesmente, os maus políticos nem sempre são... maus políticos. O mau politico de ontem póde sêr hoje um bom politico. Questão de táctica, dirão os leitores. Não, senhores; antes, a meu vêr, questão de... experiência.

Existem os maus políticos, os políticos videirinhos, uns homunculos com estomago de aventuras, insaciáveis glutões que abancam a todas as mêsas, com apetite para todas as iguarias. Es-corraça-los, enjaulá-los era obra de misericórdia muito do gôsto da Nação.

Se a ditadura isto conseguisse, teria jus ao reconhecimento de todos aquêles que, acima dos seus interesses, põem o bem da Patria e da República.

A campanha que os monárquicos vêem fazendo contra a República, em volta da nossa intervenção na guerra, intervenção que eles perdoam, mostra claramente de que lado e em que portas se encontram os maus políticos, aquêles que, dizendo apoiar a situação, tudo fazem para que ela não possa cumprir o seu principal desideratum—a pacificação da familia portuguesa.

Entrigando, caluniando, mentindo, lisongeando, a

imprensa monárquica pretende malquistar a República com o Exército, inventando dispanterios inverosímeis, alardeando um patriotismo que não sente, no teimoso e repelente sofisma de verdades incontestadas, com o fim honesto, com o fim santo, de afastar os maus políticos—os republicanos—e dar os seus logares aos bons políticos—os monárquicos.

Chegam já á desvergonha de marcar praso para o casamento da Beatriz, a virgem dos adeantamentos, estes desinteressados tallasas, como se a Nação se deixasse arrastar por tacanhos ambiciosos cassapos, incapazes de atitudes diferentes daquelas que levaram ao ridiculo os últimos Braganças e á lama o trôno secular em que eles dormiam a sêsta.

Não é isto politica, a abjecta politica do partido, que a situação não permite, que a situação condena e combata? Esta, sim, que é a má politica, pastante, só por si, para tornar difícil, senão impossivel, a pacificação da familia portuguesa. Que o digam os que imparcialmente assistem aos acontecimentos, os que de boa fé quizerem julgar os factos. Ante tal atitude, que posição têm de tomar os republicanos?

Que os homens da ditadura, que o Exército, e que a República sempre confiou e que tanto prestigiou, deitem os olhos para o jôgo arditoso e soez dos comensais da Beatriz. Os republicanos não podem pôr em duvida a lealdade do Exército; mas o arreganho dos monárquicos, de mãos dadas com um cl ricalismo mais que suspeito, expl cam e justificam esse antagonismo de muitos, que impede a obra de pacificação dos governos situacionistas, pacificação essa que ha-de vir depois de arredados os perniciosos equívocos, que não resistirão a uma tolerante, mas sábia applicação dos principios republicanos, tanto mais fácil, quanto é certo estarmos em regime republicano.

XXX

BICOTILHANDO...

Na Leitaria.

Discussão acalorada entre um illustre arqueólogo e o sr. Dr. J. R., acerca do restauro dos Claustros da Colegiada. O illustre arqueólogo fala de usurpação, de patriotismo e da necessidade de aplicar leis de excepção contra quem lhe embargou certa e determinada obra. O sr. dr. R. refuta-o, alegando que a applicação das leis de excepção não é feita para qualquer caso, como aquêles de que se trata. Há um crescendo de voz. O

illustre arqueólogo irrita-se e brada:

—«Até parece impossivel que um bacharel formado em direito diga calinadas dessa força».

Resposta do sr. Dr. J. R.:

—« Homem, você tem razão: o que parece impossivel é que um bacharel em direito esteja a discutir com um parvo».

Como é do domínio público, tomou posse na passada segunda-feira, o novo juiz desta comarca, sr. dr. Raul Cunha.

Grande concorrência de advogados e gente de fóra, além de amigos pessoais do novo ma-

# Ainda o Acôrdo de Latrão

A'cêrca do acôrdo de Latrão, Mussolini, num dos seus discursos proferidos ultimamente no parlamento afirmou que:

... «não deixará avançar a tese do poder indirecto da Igreja, tese que o governo repele categoricamente, desconhecendo onde esse poder deveria começar ou acabar, de que meios poderá dispôr e quais os seus fins».

Não desconhece a Igreja que o seu poder é só espirital, e que a sua missão dentro dêsse poder consiste em ensinar aos homens a doutrina do Evangelho, em comunicar-lhes os meios de salvação e santificação que Cristo estabeleceu para a redenção das almas. Mas a Igreja sabe muito bem que, limitando-se sómente à esfera d'acção que lhe permite este poder, está irremediavelmente condenada a sua existência, e por isso, não desiste, por meio de mil e um subterfúgios, de procurar conquistar dentro do poder temporal, que pertence unica e exclusivamente ao Estado, um poder que ela diz ser indirecto, mas que lhe permita administrar o ensino à mocidade (a sua forma e semelhança) para que as crianças, assim instruídas, em vez de serem uns súbditos da nacionalidade que os viu nascer, sejam uns submissos e fieis súbditos da Santa Sé Apostólica Romana, quer religiosamente, quer politicamente.

O poder indirecto, teologicamente proclamado pela Igreja, avança ao ponto de se considerar com autoridade mais que suficiente, para tratar dos negócios temporais e políticos.

Para isso, a sua imprensa, com uma prepotência que é digna que se registre, afirma que o poder indirecto, pode de facto dar origem a con-

flitos com o Estado, sempre que este não respeite a ordem natural das coisas e queira antepôr a autoridade da fôrça à da razão e do direito, e a supremacia do interêsse espirital sobre o pessoal.

E para se tornar convincente à vista dos seus poucos leitores, cita, a título de exemplo, o facto ainda recente do poder indirecto da Igreja Católica condenar as leis de separação francesa e portuguesa, porque, apesar de serem leis civis, prendiam-se com graves interêsses religiosos.

A Igreja Católica, tem o seu principal apoio na Companhia de Jesus, e esta sabe muito bem que o meio mais fácil de assegurar o seu futuro, é o educar a mocidade, pois o presente já está assegurado por meio do púlpito e do confessionário; é por isso que cai o Carmo e a Trindade, quando lhes chega aos ouvidos que Mussolini, o inspirado por Deus, como elles diziam, não consente que elles ministrem a instrução ao povo italiano.

Para saber o que é esta instrução basta citar o que escreveu o escritor Alfredo Marchand, ao prefaciá-lo célebre livro de Huber, «Les Jesuites», diz:

... «formam uma instituição, cujo espirito e influencia são o obstáculo mais considerável ao desenvolvimento intellectual e moral das nações, e à qual grande número dos meus compatriotas confiam a direcção de seus filhos, porque não fazem uma ideia bem clara dos princípios e sentimentos que essa instituição inculca às gerações novas».

E Gladstone chamou ainda à Companhia de Jesus o maior instrumento de escravidão mental que se tem podido inventar.

gistra-do. Discursos bons e outros proferidos com dicaciedade de sermão.

Cabê a vez de falar ao Agente do ministério Público, em Paredes. Grande interêsse na assistência S. Ex.<sup>a</sup> falou, falou muito do seu amigo pessoal e do novo juiz da comarca de Guimrães,

A determinada altura, uma frase caiu, dissonante como uma fífia; «já aqui teria vindo se não fosse a falta de palavra de alguém que, em sua atitue, foi miserável».

Não havia dúvidas, A nota era discordante e leva rótulo para o ex-Juiz desta comarca, sr. dr. Artur Valente. Lia-se no rosto de alguns a indignação que tal frase motivára.

O sr. dr. Artur Valente foi um dos magistrados que mais simpatias teve nesta terra. O seu porte e a sua rectidão de carácter foram bem apreciadas no curto espaço de tempo em Viseu entre nós. Conseguiu um amigo em cada vimaranense. Nunca por nunca teve atitudes miseráveis. Atingimos até onde

queria ir o sr. Delegdo de Paredes, Mas...

¿ Como compreender que alguém, na ausencia do ex-Juiz, o viesse diminuir e apoucar?

¿ Se tal referencia se fizesse a quem competia proclama-la?

¿ Em quê, o sr. dr. Artur Valente foi miserável?

Pobre Sancho!...

Segundo informações colhidas, continuarão paradas todas as obras da Câmara assim como continuarão a vencer juros os duzentos e tantos contos depositados na Caixa Geral dos Depósitos.

## Camionette Ford

Carroçada e para passageiros, com estofos a pergamoide, VENDE-SE em boas condições. Para vêr e tratar, em casa de A. J. Ferreira da Cunha, Praça D. Afonso Henriques, 38 — Guimarães.

# Os Integralistas

Todas as lutas pela causa da Liberdade e pelos bons princípios duma sã democracia, encontram sempre pela frente o escolho da cobardia dos espiritos.

Embrutecidos nas escolas, pelos fermentos que ainda existem, da educação jezuitica dos nossos avós, escravizados aos preconceitos desde a infância até ao túmulo, quasi que nem sequer pensam, e põem, sem vontade própria, uma relutância em aceitar como boas, as doutrinas da democracia.

São espiritos apreensivos e preocupados com a ideia do perigo, que os conduz a um estado de animo tal e possuido de certas opiniões, que não podem ouvir nem conceber outras, que não sejam aquelas que lhe ensinaram.

Não têm a liberdade de animo, e esta absorve-os e fá-los cégos.

Espiritos assim, apesar de florescerem dentro do campo da chamada mentalidade portuguesa, temos, pela sua teimosia de envolverem a verdade em névoas, para que ela não illumine o caminho, e antes, pelo contrario, se converta na luz indecisa e frouxa dum faról a apagar-se, quando ela tenta, refulgir soberanamente, de os considerar dentro d'aquella classe de analfabetos, a que se refere o falecido e grande liberal, Dr. Trindade Coelho, no seu «Manual Político do cidadão português»:

... «não são apenas analfabetos, em cinco milhões de portugueses, os quatro milhões que não sabem lêr: são-no, principalmente, os que presumem de saber sendo ignorantes, e os que nem sequer presumem que não sabem. São estes, os destas duas categorias, os peores analfabetos; e nelles se integra afinal quasi todo o milhão dos que sabem lêr».

Com uma craveira que não vai além da de qualquer menino que frequenta a instrução primária, com uma instrução literária de histórias de touras encantadas e de Dons Quixotes, julgam que, enforcando todos aquêles que não pensam, como elles, prendendo, enxovalhando com as torturas mais descaráveis os menos recalcitantes, conseguem fazer dos cidadãos do século XX, uns descrentes da palavra mágica da Liberdade, palavra que fascina todos os homens, desde os mais civilizados aos mais selvagens, e pela qual tantos sacrificios tem havido, para se submeterem física e espiritualmente, ao regimen ridiculo de seiscentos—forma de govêrno que repugna á consciência humana.

Aquêles que imaginam

## Casas suspeitas!

### Que faz o Corpo de Policia?

Há certas casas que devem ser fechadas, não só porque as devemos considerar como suspeitas mas tambem porque são perigosas.

Albergam gente de baixo estôfo moral, QUANDO NÃO NEGOCEIAM COM OS PRÓPRIOS GATUNOS e dão azo a desordens que, ás vezes, podem trazer conseqüências funestas.

Têm-as percorrido, no propósito de limpar a cidade dêsse cancro, inteirando-nos da verdade nua e crúa, e lamentando a pouca vigilância do nosso corpo policial, não solicito ás vezes em aplicar multas que quasi nenhuma razão têm de ser.

Conhecêmo-las a todas, verdadeiros autores de imoralidade, tascas repelentes que sujam e enoddam uma cidade que deseja ser limpa e onde se acoitam os larápios raffinês e conhecidos.

Se alguns há onde permanecem trabalhadores honestos e incapazes dum acto provocador, outras nos mostraram que são autenticos nateiros de ladroeira e de rapinagem.

Os proprietários são trastejadores da mais baixa espécie, figuras horrendas de harpias, negociando mulheres que caíram na desgraça de se prostituirem e acolitando gatunos que das feiras lhe vêem trazer o rendimento.

Mas, a policia dorme...

Acha tudo muito natural, quando não se deixa levar no engodo dos tasqueiros que lhes oferecem meia e lhes apontam os defeitos dos outros para apagarem os seus.

que com enforcamentos, torturas e toda a casta de perseguição, conseguem fazer desaparecer do povo, o seu amor pela Liberdade, desconhecem os mais insignificantes factos da história da humanidade. Para que serviram as guerras contra os protestantes? as dragonadas de Luiz XIV? as torturas da Inquisição?

Fizeram correr ondas de sangue, e não lograram afinal destruir a verdade.

Assim o quiz a Natureza, para mostrar quanto é digna de respeito a Liberdade —intangível dentro da alma do homem, e fonte, e origem das suas acções.

Mas, apesar dêstes degenerados, paranoicos e megalomaniacos, em occasiões normais não nos merecem sequer dois minutos de atenção, outro tanto não acontece no presente momento, em que devemos estar alerta, para evitarmos qualquer arremetida, contra a Liberdade, destas perigosas creaturas.

Ah!... mas o exercito que é a elite d'este povo, que tanto sangue tem derramado em prol da liberdade, não atraiçoará a confiança que a nação deposita nele, e saberá, mais uma vez, defender com armas na mão, os seus sagrados princípios. Tenhamos fé e saibamos esperar.

X.

# A VOZ DO OPERÁRIO

«Recordar é viver».

Recordemos, pois, a gloriosa data de 5 de Outubro de 1910. Recordar esta data é reviver a época que a antecedeu; é reviver a propaganda republicana, feita através da imprensa e dos tablados dos comícios de onde os seus caudilhos afirmavam que a República seria ampla, nacional e humana na qual caberiam as aspirações socialistas e refletiria até o estranho fulgor de uma esperança anarquista. Recordemos-a, pois, para revivermos o tempo de união de todos os liberais que se interessavam pelo resurgir da nova aurora. Sim! Recordemos e revivamos a época em que os detentores do poder, de harmonia com o clericalismo, perseguiram e vexavam todos aquêles que, segundo as suas forças e consoante as suas posses, contribuíam para derrubar um regimen que durante oito séculos calçou um Povo.

«Recordar é viver».

Recordemos, portanto, a revolução de 5 de Outubro que não traduz o triunfo duma facção politica mas a conquista dum Povo sedento de Liberdade e justiça.

Nessa revolução deu o operário uma prova inconfundível do seu muito amor a República, como de resto a tem dado sempre que a sua estabilidade perigou, porque a tem no coração, porque a considera um passo no caminho da sua completa emancipação social. Sim! Foi e é elle, o sem pão e sem agasalho, o pé descalço, o unico que, de armas na mão esquadecendo-se da familia, batalhou desinteressadamente pelo advento da República como desinteressadamente toma as posições mais arriscadas quando ela periga. Sim! Foi elle, o humilde sem dinheiro para pagar o pão que mitiga a fome dos filhos queridos, que deu a maior prova de civismo e honradez indo guardar os bancos no periodo revolucionário!... E' que os pobres, os trabalhadores, não sabem mais do que trabalhar... Nunca fizeram calculos que prejudicassem os semelhantes!... E' que elles, os explorados, não queriam que a República nascesse com manchas!...

E por isso desinteressadamente foram para a revolução combater pela República e defendê-la de possíveis nodoas.

Assim actuou o operariado e continua a actuar enquanto que os outros, que a sugam, a traíem e apunham.

E porque assim foi, tem sido e é, desviamo-nos hoje do programa aqui delineado na semana finda não só para secundar os republicanos na comemoração desta data, a todos os titulos gigantesca, mas tambem para lhes dizer daqui, d'este cantinho, que os operários, os pés descalço, que ontem, hoje e sempre têm defendido a República, devem de oravante merecer uma outra consideração, por parte dos governantes, que até hoje lhes não tem merecido. Eles não querem da República, que amam eternecidamente, mais de que ela não consinta que sejam considerados como os antigos escravos da gleba.

E nisto reside a exigência do esteio mais firme do regimen. Oxalá, pois, que de futuro o operariado tenha o lugar que lhe compete na sociedade portuguesa. São estes os nossos votos para bem da maioria da Nação e para prestigio da República cujo 19.<sup>o</sup> aniversário hoje se comemora.

Ederiva Crosta.

# FOTOGRAFOS AMADORES!...

Uma boa fotografia deve ser completada com uma melhor revelação

Rapidez na entrega. = Perfeição no trabalho.

A PAPELARIA CENTRAL encarrega-se de todos os trabalhos para amadores. Revendedor oficial da «Kodak». Todos os artigos necessários do amador. Confie V. Ex.<sup>a</sup> por uma vez à nossa casa qualquer trabalho de revelação, e o aficionado fará de a sua casa predilecta.



Mande V. Ex.<sup>a</sup> fazer ampliações dos seus melhores clichés que serão feitas pelas tabelas «Kodak». V. Ex.<sup>a</sup> deseja adquirir um dos 86 modelos «Kodak» a prestações? Peça-nos detalhes. Atendemos todos os pedidos pelo correio.

Gramafones e discos sempre as últimas novidades nas seguintes marcas:

HIS MASTER'S VOICE : COLUMBIA : ODEON : ELECTRO-RÁDIO : BRUNSWICK, ETC.  
Aparelhos desde 750\$00 a 4.500\$00; Discos desde 15\$00 a 60\$00. Esta casa dá de brinde 6 discos na compra de qualquer aparelho.

**PAPELARIA CENTRAL**

Francisco Ribeiro de Castro

12, Praça D. Afonso Henriques, 13 -- GUIMARÃES

## A. J. Ferreira da Cunha

ARMAZEM DE FERRAGENS, CUTELARIAS E PENTES  
(NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

Tubagens e acessórios para água,  
em chumbo e ferro galvanizado.

Torneiras e passadores de metal, para água  
e vapor.

Mangueira de borracha e agulhetas de metal,  
de bom efeito,  
para regas e lavagens de automóveis

Depósito de contadores para água,  
da acreditada marca BOPP & REUTHER

TUDO A PREÇOS MÓDICOS

38 - Praça D. Afonso Henriques - 39

GUIMARÃES

## Aos amadores de Telefonia Sem Fios e Gramofones

Se quereis ouvir bons concêrtos, adquiri os produtos

**"PHILIPS"**

Melhorai a intensidade e a qualidade da vossa recepção,  
empregando os aparelhos

**"PHILIPS"**

A "PHILIPS" apresenta o novo aparelho ANODON  
(modelo 3003), que substitue as pilhas sêcas.

Os seus "ALTO-FALANTES" são os melhores,  
assim como todos os seus produtos.

Em Guimarães informa:

Bernardino Jordão, F.<sup>os</sup> & C.<sup>a</sup>